

Literatura moçambicana

Entrevista

com um professor de português

Dois jovens, ambos com apenas 20 anos, gostam de literatura e, dando os primeiros passos, produzem-na também. Edmundo Manhiça vem colaborando na página Diálogo do Notícias da Beira e na «Tempo» com poesia e contos. Onairda Sacate (pseudónimo) publica poesia naquela página do jornal beirense.

Luís Coelho, cooperante internacionalista português, é professor da nossa língua oficial na Escola Secundária Francisco Manyanga. Seus alunos, então na 10.ª classe, os dois jovens, sabendo que ele, além de ensinar a disciplina, se interessa por literatura como leitor e estudioso, pensaram pôr-lhe um certo número de questões. Questões que os preocupam pessoalmente e são preocupação comum de muitos jovens que pretendem conhecer a problemática essencial da literatura e em especial da literatura moçambicana na fase que o país atravessa e a importância dos valores literários que surgiram após a Independência.

Luís Coelho aceitou a proposta dos seus alunos. E assim nasceu a iniciativa, que julgamos inédita, de dois jovens que nunca fizeram jornalismo, colocarem um diálogo em forma de entrevista que resultou trabalho de mérito muito apreciável.

Publicando a entrevista, registamos o desejo, que nos manifestaram os entrevistadores, de que os temas apresentados e as opiniões expressas possam constituir pontos de partida para outros se pronunciarem.

P — O tema da nossa entrevista é literatura. Mas antes disso, senhor Luís Coelho, gostaríamos que se referisse à importância da mes-



ma na comunicação das massas na actual conjuntura social do nosso país.

R — A actual conjuntura social da República Popular de Moçambique caracteriza-se por uma grande percentagem de analfabetismo, o que reduz consideravelmente a importância da literatura como forma artística de comunicação de massas. Nessa medida, a literatura ainda é, infelizmente, compreendida e praticada por um número restrito de pessoas, porquanto existem outras formas de arte, como por exemplo a música, a escultura, a pintura e o próprio cinema, que vão mais directamente ao encontro das características sensoriais da população, em geral.

Verificamos que mesmo entre os nossos jovens estudantes se nota uma ausência gritante de hábitos de leitura, ausência essa agravada tanto pelo preço proibitivo de bons livros como pelo facto de eles, por vezes, nem sequer se encontrarem à venda; o próprio número de bibliotecas públicas não é, de modo nenhum, satisfatório.

Agora que a literatura é importante, disso não podemos ter dúvidas. Os sentimentos, as aspirações, os sofrimentos de um Povo podem e devem ser perspicazmente veiculados pela literatura. A realidade deve ser captada, refundida pela pena do escritor e, finalmente, transmitida ao leitor: este, claro, não pode ter uma função de simples receptor mas, ao ler, deve fazê-lo com o necessário espírito crítico, apreendendo aquilo que lhe é veiculado.

IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

P — E sobre a importância da literatura, em geral?

R — Em parte, creio que a resposta foi dada. Penso que, contribuindo para o aproximação entre Povos, também a literatura nos faz conhecer a realidade social de outros países, as contradições, as angústias, os anseios dos Povos desses países. Através de obras literárias, é possível também a aquisição de novos conhecimentos quer históricos quer, até, geográficos. Científicos em geral.

Estou a lembrar-me do romance portentoso que é «Os Subterrâneos da Liberdade» do escritor brasileiro Jorge Amado, que nos reporta a uma determinada época histórica vivida pelo Povo brasileiro e praticamente desconhecida entre nós. Creio que muitos leitores desse romance foram levados a procurar dados históricos que lhes permitissem perspectivar melhor as causas da Segunda Guerra Mundial, o que foi a própria guerra civil de Espanha, como actuam os regimes fascistas e fascizantes...

Lembro-me das obras do escritor português Soeiro Pereira Gomes, que nos permitem tomar contacto com a realidade cruel de deter-

minados extractos sociais da população portuguesa...

Recordo-me de «A Mãe» de Maximo Gorki, escritor russo contemporâneo de Lenine, que nos permite viver a época conturbada da Rússia pouco antes da revolução...; das obras de Luan-dino Vieira que nos situam em Angola colonial, mais tarde em Angola em luta e, por fim, em Angola independente...; de «O Recurso do Método», de Alejo Carpentier, escritor cubano, com a sua visão-protótipo de um ditador latino-americano...

E tantos, tantos outros exemplos...

FUNÇÃO DE VANGUARDA DA LITERATURA

P — Sendo literatura modo de conhecimento da sociedade, cairíamos na ambiguidade se dissessemos que ela assume função de vanguarda?

R — Para mim, essa questão é complexa. Porque a literatura só pode assumir função de vanguarda se estiverem criadas as condições para que isso efectivamente aconteça. Se condições não existem (e estou a referir-me agora ao analfabetismo, à falta de hábitos de leitura, etc.), então a literatura deixa campo a outras formas de arte que melhor se adaptem às características mais marcantes do Povo. A cultura musical (letra-música-dança) é aquela que me parece desempenhar um papel preponderante, neste momento, em Moçambique.

A literatura, no entanto, é se assim lhe podemos chamar, síntese e génese de todas as outras formas de arte: uma obra literária pode reflectir todos os sentimentos que um escultor pretende imprimir à sua peça (e estou a lembrar-me de um trabalho escrito realizado com as turmas de 10.^a classe na base de uma peça de escultura maconde retratada no livro de leitura; devo dizer que surgiram textos de prosa e mesmo poemas muito imaginativos); uma obra literária pode reproduzir, em certa medida, uma tela; o teatro e o cinema apoiam-se, na maioria das vezes, na literatura; a canção necessita da letra, etc...

Claro está que lhe falta a imagem visual. mas se o escritor manejar convenientemente as palavras, se ele for realmente criativo, pode superar essa lacuna, obrigando o leitor a imaginar mentalmente aquilo que pretende transmitir.

LITERATURA E LIBERTAÇÃO

P — Concluimos que a literatura tem uma peculiar importância na cena social. Ora, o que julga o senhor da manifestação da mesma no período da luta de libertação?

R — A literatura não pode ser visualizada acima da sociedade específica em que ela está

inserida. Ela não se pode desligar da luta de classes que se trava continuamente no seio das sociedades. Sem pretender cair num intelectualismo vazio, direi que a arte, toda a arte, faz parte da superestrutura de uma sociedade. Se a base económica se modifica ou se começa a modificar, logicamente que toda a superestrutura começa a transformar-se também.

Ora, a luta de libertação constituiu uma etapa para uma mudança qualitativa que se veio a operar. Logo, a literatura acompanhou e correspondeu totalmente a essa fase decisiva para toda uma série de transformações políticas, económicas e sociais. Alguém disse que «a palavra é lume aceso». Outro acrescentou isto, no que à poesia concerne, que ela «é uma arma carregada de futuro». Penso que estas citações dispensam comentários pois são, por si só, significativas.

P — Em termos gerais, neste contexto, podemos distinguir dois grupos de escritores: um que se identificou com o regime colonial; outro, com as aspirações do povo, portanto, constituiu o que designamos por «guerrilheiros da retaguarda».

Quais foram, em seu parecer, os escritores que tiveram maior relevo nesses grupos?

R — Aqui começarei por citar o Senhor Presidente da República quando ele diz que «quem produz a cultura é o Povo». Ora, fácil é depreender que englobando a literatura na cultura de um Povo, os colonialistas não «produziram» escritores. Efectivamente, aqueles que se colocaram abertamente ao serviço da burguesia colonial não passaram de bajuladores, de vendedores de elogios fáceis, virando a arma da palavra contra o Povo, tornando-se eles próprios simples marionetas dos exploradores. Esses não podem, verdadeiramente, ser rotulados de escritores porquanto se inseriram no mecanismo da exploração do homem pelo homem.

Agora, aqueles que vocês designam por «guerrilheiros da retaguarda»... Eu não os designaria assim pois muitos deles participaram até, activamente na Luta Armada de Libertação Nacional. Outros na luta subterrânea nas zonas ocupadas pelo colonialismo usando, simultaneamente, a arma da poesia, principalmente.

Terei de destacar Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Jorge Rebelo, por um lado; Rui Nogar, Luís Bernardo Honwana, José Craveirinha e mesmo Orlando Mendes, por outro. Isto, em minha opinião, claro.

LITERATURA EM TRANSFORMAÇÃO

P — A independência do país foi marco de transformações políticas e sociais que hoje se registam. Estará a literatura sofrendo alguma transformação?

R — Claro que sim. Com a independência,

com a libertação, novos valores desabrocharam, outros saíram do seu hibernar temporário, outros ainda consolidaram as suas posições.

Neste aspecto concreto, temos de voltar atrás, lembrando que a literatura não se pode desligar das etapas que uma sociedade atravessa. Refiram-se o Renascimento do século XV, depois o Classicismo, o Romantismo do século XVIII, o Realismo do século XIX, movimentos culturais incluindo a literatura, ligados a profundas transformações políticas e sociais.

No que a Moçambique diz respeito, a transformação na literatura opera-se visivelmente embora com as limitações já apontadas. Mas nota-se um desenvolvimento progressivo, principalmente no que concerne à poesia. Novos valores vão sendo apresentados, ainda que numa forma dispersa, na medida em que, em minha opinião, o que falta fazer é uma recolha de originais, quer de prosa quer de poesia, e incentivar cada vez mais os nossos jovens à prática da leitura, por um lado, e à prática da escrita, por outro.

LITERATURA, ENSINO DE PORTUGUÊS E INCENTIVAÇÃO

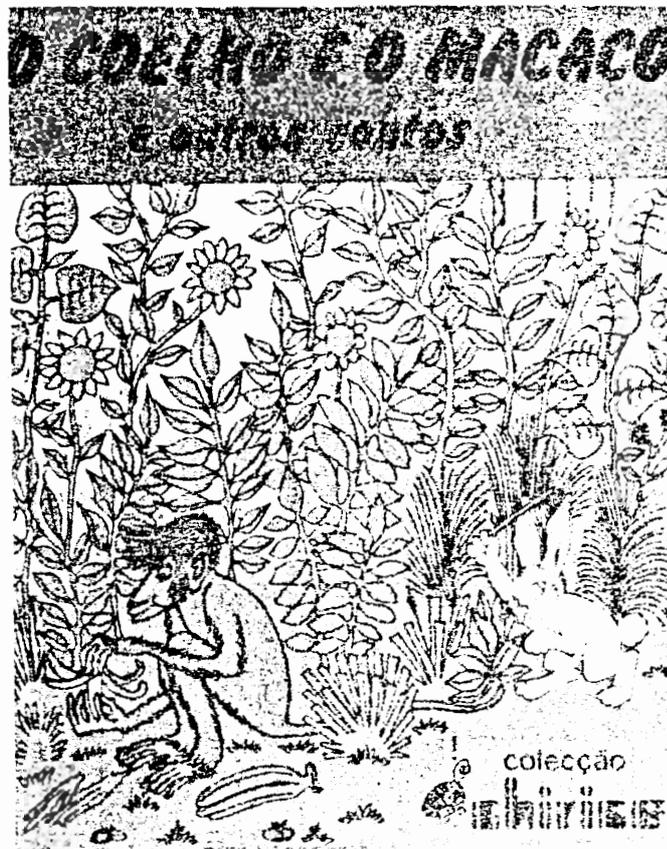
P — Na incentivação do gosto pela literatura, a disciplina de Português nas escolas está jogando um importante papel, não é?

R — Nem sempre. Devia realmente desempenhar um importante papel. Mas o que acontece é que isso depende muito do professor. E muitos professores limitam-se a ensinar aos alunos as regras básicas do Português sem, por vezes, aconselhar um bom autor, um bom livro. Bem, eventualmente até o próprio professor não tem esse gosto e até, nem sequer formação que lhe permita fazer isso.

Como nota à margem, direi que programas para a disciplina de Português, até à data, não fizeram referência a esse tipo de incentivação. Na 9.ª classe, por exemplo, actualmente, deve estudar-se o conto «Nós matámos o cão tenhoso» de Luís Bernardo Honwana. Mas, afóra isso, o resto tem ficado praticamente ao critério do professor. Porque não indicar a pequena obra de Orlando Mendes, «Produção Com que Aprendo», colecção de poemas didácticos e pequenos contos, para ser estudada na 9.ª classe? Em minha opinião, essa obra quase desconhecida é de um didactismo a toda a prova e até parece ter sido elaborada à medida para o nosso ensino com a vantagem dos respectivos poemas e contos se referirem à presente etapa histórica.

P — Não existirão outros meios de incentivação à produção literária?

R — Existem e regista as iniciativas levadas a cabo quer pelo «Notícias» de Maputo quer pela «TEMPO». Mas entendo que tudo isto é muito esporádico e que, mesmo a nível de esco-



ORLANDO MENDES

PUBLICAÇÕES
NOTÍCIAS

**PRODUÇÃO
COM QUE
APRENDO**

poesia e pequenas histórias

las (abstraindo-nos até das aulas de Português), não houve ainda todo um tipo de organização planificada que nos pudesse encaminhar para uma recolha sistemática de todo o material inédito existente.

Por outro lado, creio (embora, friso, não com conhecimento profundo do problema) não

ter havido até à data um apoio amplo e salutar aos jovens aspirantes a escritores por parte das entidades responsáveis. Lembro-me de um antigo aluno meu que me mostrou um original seu, romance com algumas limitações, mas, na minha opinião, bem estruturado, bem construído (aliás, um excerto desse romance apareceu na

antiga página literária do «Notícias» e foi recolhido para figurar na colectânea de textos que integra o livro da 10.ª classe); o que acontece é que esse jovem se movimentou para que esse trabalho aparecesse publicado; o que é certo é que nunca mais ouvi falar dele nem do romance.

Creio que o INLD poderia ter um papel a desempenhar nesse campo de divulgação literária, editando, mesmo que em tiragens reduzidas, originais de jovens escritores, jovens poetas, ou mesmo editando colectâneas de trabalhos literários produzidos pelos nossos jovens.

LITERATURA NASCENTE

P — Estes meios «impulsivos», como podemos considerar, afluem a uma questão que hoje é controversa: a «literatura nascente». O que ia das suas potencialidades?

R — Em geral, a cultura moçambicana hibernou, na medida em que foi amarfanhada, durante o colonialismo. Também no caso particular da literatura, penso ser válida esta asserção. Claro está, refiro-me à produção realizada por pessoas que viviam sob a censura colonial. Raros casos furaram o bloqueio censurador. No entanto, continuou a haver produção literária. Só que destinada à gaveta ou à clandestinidade. É mais do que altura de toda essa produção vir cá para fora.

Não, não estou a fugir à questão colocada. Quero eu com isto dizer que, assim como não se pode afirmar que a cultura moçambicana está a nascer porquanto ela sempre existiu, assim também se me afigura errado dizer que, finalmente, há uma «literatura nascente». Há novos valores, isso sim. Que estão a contribuir potencialmente para o desenvolvimento da literatura correspondente a esta fase da revolução moçambicana.

P — Na presente fase, a literatura deve ser antes de tudo, sócio-didáctica, isto deve dispor de um carácter educacional e mobilizador das massas. Mas isto não restringirá o exercício livre no campo do nascimento do acto literário, isto é, da produção literária?

R — Pelo contrário. Na minha opinião, esta etapa histórica abre amplas perspectivas à criação literária. Ao colocarem esta questão, creio que estão a fazer referência ao velho problema de como encarar a forma e o conteúdo numa

obra artística. O facto de a literatura ter «um carácter educacional e mobilizador» não implica que formalmente tenha um baixo valor artístico. Conjugando a forma e o conteúdo harmoniosamente, isso sim. E aqui parafrasearia Sérgio Vieira quando, numa recente palestra sobre teatro, disse que «tudo o que é humano é profundamente revolucionário». Então, eu posso tomar como tema de uma obra o Amor, por exemplo, sem que isso implique a ausência do tal «carácter educacional e mobilizador» que vocês apontam para a literatura.

Pablo Neruda, o grande poeta chileno, no seu livro de memórias «Confesso que Vivi», diz que declamou poemas seus (alguns dos quais de difícil entendimento e que falavam de amor, da natureza, etc.) para os mineiros quase analfabetos das regiões desoladas do seu país e que eles o ouviram atentamente, primeiro, e o aplaudiram vibrantemente, depois. Que é isto senão mobilização pela poesia? E isso não restringiu o exercício livre da produção poética de Neruda.

P — Que futuro garante este «embrião» da literatura de um Moçambique independente?

R — Se por «embrião» entendemos os novos valores que despontam, eu direi que o devir é promissor. Aliás, outra coisa não seria de esperar. Estão criadas todas as condições para isso. Necessário é impulsionar, é incentivar cada vez mais. E apoiar, também, necessariamente.

P — Por último, o que pensa da possível criação de uma associação de escritores?

R — Bem, eu sou professor, não sou propriamente um escritor. Essa questão deveria ser posta mais a um escritor do que a mim. Eu sou apenas um interessado pela literatura e gostaria de ver Moçambique progredir, neste aspecto particular. Por isso, assim como existem associações para outras actividades culturais, creio que será útil uma associação de escritores, à semelhança do que já se fez na República Popular de Angola. Útil na medida em que isso permitirá equacionar em conjunto os problemas referentes à criação e produção literárias e valorizar cada vez mais a actividade literária.

Entrevista conduzida por:
Edmundo Manhiça e Onairda Sacate

□